



# RELIGIÃO E PRÁTICAS RELIGIOSAS POPULARES NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS

*Prof. MS. Pe. Edilberto Cavalcante Reis\**

**Resumo:** As práticas religiosas populares no Brasil são fenômenos importantes e complexos. São objetos de estudo das ciências humanas e sociais e representam um fator fundamental para a construção e consolidação da identidade brasileira. A origem destas práticas pode ser buscada nos processos de colonização e evangelização brasileira e na sua estrutura social. A mestiçagem de corpos e de cultura que deu origem ao povo brasileiro é responsável pelos cruzamentos e misturas, adaptações e inovações que formam o mosaico de suas práticas religiosas.

**Palavras-chaves:** Religião; Cultura Popular; Mestiçagem

**Abstract:** The popular religious practices in Brazil are important and complex phenomena. They are study objects of human and social sciences, and they represent a fundamental factor for the building and consolidation of Brazilian identity. The origin of these practices can be search in Brazilian colonization and evangelization processes and in it social structure. The bodies and culture mestization that gave origin to Brazilian people is responsible by crossings and mixtures, adaptations and innovations those form the mosaic of their religious practices.

**Keywords:** Religion; Pop culture; Mestization.

## **1. Brasileiro: um povo religioso**

A afirmação de que o povo brasileiro é essencialmente religioso é algo que se diz sem a menor preocupação. Basta uma olhada nas mínimas atitudes cotidianas de um brasileiro médio para, rapidamente perceber o lugar importante ocupado pelo sagrado em sua vida.

Mesmo o violento processo de industrialização e de urbanização pelo qual o país passou nos últimos 40 anos de sua história, foi capaz de arrancar da alma do brasileiro sua inclinação ao místico. O crescimento do ateísmo e do agnosticismo, mesmo entre as classes mais abastadas não tem representado muita coisa. Mesmo em um Brasil letrado, industrial e pontilhado de grandes megalópoles, o sagrado e o místico ainda

encontram espaço para existir, para crescer, sendo até mesmo exportado para outras partes da aldeia global.

Mas, se é certo que a constatação de que o brasileiro é um povo religioso é algo que exige bem pouco esforço intelectual, igualmente correto é afirmar que a compreensão de suas práticas religiosas tem exigido de teólogos, pastoralistas, antropólogos, sociólogos e historiados um esforço hercúleo.

“Acontece que o cristianismo brasileiro vem resistindo às tentativas de interpretação. É raro encontrar um deles<sup>1</sup> que não fale da religião praticada aqui em termos de espanto. Saint-Hilaire exprime o sentimento que parece ser o de todos ao escrever: ‘na igreja brasileira não há o que possa deixar de causar espanto: está fora de todas as regras’<sup>2</sup>.

Em que os brasileiros crêem? Suas práticas sociais e religiosas se harmonizam com a fé que professam? Bastam alguns exemplos eloqüentes para percebermos a complexidade do fenômeno religioso brasileiro. Afirma-se que o Brasil é um dos maiores países cristãos do mundo. Em número de batizados sim, mas ao mesmo tempo, grande número de brasileiros adota também a crença na reencarnação. Lideranças religiosas do candomblé, da umbanda e do espiritismo, freqüentam o catolicismo e se definem religiosamente como católicos. Igrejas pentecostais e neo-pentecostais usam abertamente, ritos, símbolos e termos tirados da liturgia do candomblé e do espiritismo. Assiste-se aqui a uma variedade de práticas religiosas que muito pouco se prestam ao enquadramento em qualquer ortodoxia. As tentativas de enquadramento feitas pelo catolicismo ao longo de seus 500 anos de presença no Brasil o exemplificam muito bem.

Qual seria a origem desse fenômeno? Devemos buscar a resposta a essa pergunta no cadinho cultural que deu origem ao Brasil. Um definição que explica muito bem a cultura brasileira é a de que o Brasil é um país mestiço. Uma mestiçagem que apreça claramente nos corpos dos brasileiros onde se pode notar uma variedade quase infinita de combinações fenotípicas, mas que não se reduz ao aspecto biogenético. A mestiçagem racial é somente a ponta do imenso *iceberg* da mestiçagem cultural brasileira.

---

<sup>1</sup> O autor faz referência aos muitos viajantes europeus que, entre o final do século XVIII e início do século XIX percorreram os sertões e as cidades do Brasil.

<sup>2</sup> HOORNAERT, E., *O Cristianismo Moreno do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 18.

“Desde os primeiros tempos, a mestiçagem biológica, isto é, a mistura de corpus – quase sempre acompanhada da mestiçagem de práticas e de crenças -, introduziu um novo elemento perturbador. Em todos os campos a improvisação venceu a norma e o costume”<sup>3</sup>.

O Brasil é uma terra que, já antes da colonização, atraía para si os mais diferentes grupos humanos. Quando as naus lusitanas aqui aportaram encontraram os povos tupis, recém chegados ao litoral e ainda embevecidos pelas belezas da lendária “*Terra sem Males*” que eles julgavam ter descoberto. Primeiro os grupos indígenas de matriz cultural diferente (tupi e tapuias, por exemplo), depois os portugueses, que por sua vez vinham de uma experiência de 700 anos de contatos e trocas culturais com povos de origem mourisca, depois os mais diferentes grupos étnicos africanos para cá transportados pela crueldade do tráfico de escravos, durante quase 400 anos.

A religião praticada pelo povo brasileiro pode, dessa forma ser definida, a partir do conceito de mestiçagem como:

“Muito rica em suas manifestações, a religião do povo brasileiro brotava de três raízes: a herança das crenças medievais em que o sagrado e o misterioso apareciam em todas as atividades do dia-a-dia e que recebeu farta contribuição das culturas indígenas e africanas, criando uma prática religiosa que ocupava lugar de destaque na vida familiar e individual”<sup>4</sup>.

Estavam assim lançadas as bases desta cultura mestiça por excelência: nem portuguesa (mesmo que muitos aspectos da cultura lusa apareçam predominantemente), nem indígena, nem africana. Cada um destes elementos foi acolhido, assimilado e resignificado no interior do novo conjunto biogenético e cultural que é o Brasil. Processo esse que não terminou com o fim da colonização: alemães, italianos, japoneses, coreanos, indianos, portugueses sempre chegando, latino-americanos, todos bem vindos a dar a sua contribuição para a construção do Brasil mestiço.

É importante lembrar que, tanto esse processo de mestiçagem (racial e cultural), como também a sua aceitação não aconteceram sem uma forte carga de tensão. Por conta do forte impacto da presença européia (portuguesa primeiramente, mas depois italiana, alemã, polonesa, etc) e cristã (primeiramente católica, mas depois protestante e

---

<sup>3</sup> GRUZINSKI, S., *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: CIA das Letras, 2001, p.79.

<sup>4</sup> HAUOCK, J. F., *A Igreja na Emancipação*. IN: BEOZZO, J. O., (coord.). *História da Igreja no Brasil (Tomo II / 2): segunda época*. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes e Ed. Paulinas, 1992, p. 112.

ortodoxa) em todo esse processo de mestiçagem, houve uma forte tendência a construir a identidade, seja ela étnica ou cultural, a partir do elemento europeu ocidental e a considerar os frutos da mestiçagem (racial e cultural) como um desvio de rota a ser corrigido. Racialmente não podemos esquecer o impacto das políticas de embranquecimento da população idealizadas por um estado sempre a serviço de uma ideologia de brasilidade branca e européia.

Interpretando as análises de Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, Hoornaert afirma:

“O preconceito se manifestava de forma particularmente virulenta ao tratar-se do negro, considerado a grande desgraça deste país, o grande obstáculo para o progresso. Outro ponto que não se discutia na obra de ambos os mestres era o postulado do caráter ocidental da cultura brasileira, ou pelo menos da progressiva ocidentalização do país como único caminho para o futuro”<sup>5</sup>.

Assim como o negro e o mulato não eram bem vindos nesse Brasil de brancos (na verdade mestiços pretensamente brancos) os frutos de sua cultura mestiça também não eram. Da música à culinária, passando pela língua e chegando à religião. A nação, que se pretendia branca e européia e portanto, civilizada, olhava com desdém para as práticas religiosas que lhe lembrava, acintosamente suas origens mestiças. Assim como a raça deveria ser branqueada, a religião do Brasil deveria ser purificada.

## **2. Religião ou Religiosidade Popular?**

“Uns negam simplesmente a existência de um catolicismo popular distinto do catolicismo estabelecido ou patriarcal: no Brasil só há **um** (grifo do autor) que constitui o ‘cimento da unidade nacional’. Outros aceitam o catolicismo popular mas lhe negam toda originalidade e todo valor: o catolicismo vivido pelo povo é simplesmente a interiorização dos temas apresentados pela religião dominante.”<sup>6</sup>

É em meio a essa tensão identitária que surge a questão da religiosidade popular. Uma coisa é a piedade própria do povo brasileiro, outra coisa são as invencionices, o fanatismo e as superstições sincréticas praticadas pelo povo (leiam-se, pobres, pretos ou mulatos e mulheres). Enquanto a primeira poderia ser um excelente indício do grau de

---

<sup>5</sup> HOORNART, E., Op. Cit. P. 14.

<sup>6</sup> HOORNARTE, E., *Formação do Catolicismo Brasileiro: 1500-1800*. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 98.

civilização de um povo, a segunda é uma espetáculo terrível da barbárie que teima em persistir entre a gente miúda da terra.

Assim, *religiosidade popular* aparece como um termo eivado de sentido pejorativo. Em resumo, serve para definir essas práticas religiosas que deveriam ser purificadas, seja pelo culto oficial, seja pela política oficial de cultura que as reduziriam a uma forma atenuada: o folclore.

Desde o Império até a República, a Igreja oficial vem tentando enquadrar as práticas religiosas populares nos termos da ortodoxia. Essa era uma das únicas coisas em que Igreja e Estado concordavam plenamente. Uma Igreja que se (re)organizava a partir dos marcos teóricos do ultramontanismo via como urgente criar espaços de controle sobre as manifestações religiosas do povo que nem sempre primava pela ortodoxia. O ultramontanismo, entre outras coisas tinha como corolário a defesa intransigente de um tipo de catolicismo centralizado na pessoa do Romano Pontífice e a unidade da fé era entendida como uniformidade de ritos e de crenças. Tudo o que as práticas religiosas do povo não tinham. O que lhe dá coerência interna não é uma forma externa de poder, mas as devoções. O poder transcendente que nasce da força Divina, mas do qual o homem comum pode participar através das muitas mediações dos santos e anjos.

“As promessas aos santos eram um recurso ordinário para conseguir favores: a construção de capela, esmolas especiais, romarias, nome a ser dados às crianças, jejuns; as braças alcançadas se agradeciam com ex-votos, que procuravam representar em cera ou em madeira as partes do corpo beneficiadas pelo milagre; para isso os lugares de peregrinação tinham as suas salas de milagres, onde ficavam depositados”<sup>7</sup>.

Uma coisa parecia certa para Igreja: tais manifestações deveriam ser purificadas de todo o erro para que o Brasil pudesse ser contado entre as verdadeiras nações cristãs.

Esta idéia também é desposada pelos missionários protestantes chegados ao Brasil no século XIX. Para as grandes agências missionárias (as sociedades bíblicas) dos EUA e da Inglaterra, o Brasil, assim como de resto toda a América Latina, vivia sob o mais absoluto paganismo imposto ao povo em quase 400 anos de regime papal. Os missionários entendem a sua missão também como purificação das práticas religiosas do povo, especialmente a extirpação da idolatria e da feitiçaria, subprodutos mais nefandos do paganismo romano instaurados nesta

---

<sup>7</sup> HAUOCK, J. F., Op. Cit. p. 117.

terra. Para eles uma coisa era certa: o povo brasileiro deveria sofrer uma transformação profunda em sua alma para ser contado entre as nações escolhidas por Cristo para a salvação.

Também ao Estado nascido das revoluções burguesas inspiradas nos princípios da filosofia racional do iluminismo, as práticas religiosas do povo não podiam agradar. A independência e depois consolidação do estado brasileiro foi obra de varões letrados, de classe média ou da aristocracia (entre os quais se encontrava um número considerável de padres), diante de seus olhos doutos e voltados sempre para cultura européia, o barroquismo das manifestações religiosas do povo não passava de práticas do obscurantismo próprias do antigo regime (coisa de mulher, preto e pobre!) e que estavam às portas de serem varrida pela luz da razão. Uma coisa era certa, era necessário abolir o obscurantismo, o misticismo e o fanatismo das suas práticas religiosas para que o povo brasileiro possa ser contado entre as maiores nações do mundo civilizado.

### **3. O povo e suas práticas religiosas: entre táticas e estratégias**

“Uma maneira de utilizar sistemas impostos constitui a resistência à lei histórica de um estado de fato e suas legitimações dogmáticas”<sup>8</sup>.

Apesar do pesado investimento nas estratégias de controle, dominação e adequação das práticas religiosas do povo por parte da ortodoxia religiosa, do estado e das elites políticas e intelectuais, o povo continua inventando e reinventando suas crenças e seus ritos.

Muito raramente há confrontos diretos nos pontos nevrálgicos de tensão. Também não se assistiu da parte do povo a nenhum movimento cismático. O povo parece aceitar pacificamente as estratégias de dominação e de enquadramento. Ao mesmo tempo, por baixo das estruturas montadas para efetuar esse enquadramento continuava o seu silencioso e secular movimento de apropriação das práticas religiosas institucionais.

As palavras de ordem que fazem marchar esse imenso e silencioso exército não são resistência, luta, cisma, etc., mas sim refazer, reinventar, atribuir sentidos. Uma operação que acontece nos subterrâneos e longe dos olhos vigilantes dos agentes do poder institucional, mas que reaparece continuamente nos momentos fortes da vida religiosa do povo. Nas festas dos padroeiros, nas procissões, na organização de seus espaços

---

<sup>8</sup> DE CERTEAU, M., *A Invenção do Cotidiano* (tomo 1). 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 79.

de culto e de vivência religiosa (confrarias, irmandades, movimentos como Apostolado da Oração, grupos de oração, CEB's, Novas Comunidades, etc), nas peregrinações em todos estes momentos podemos perceber concretamente os produtos dessa operação clandestina de uso daquilo que é oferecido ou imposto pelo poder institucional.

“Mil maneiras de **jogar/desfazer** (grifo do autor) o jogo do outro, ou seja o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas”<sup>9</sup>.

O mais interessante é que essa operação silenciosa não está circunscrita ao espaço católico. Basta lançar um olhar sobre as novas igrejas pentecostais para perceber elementos marcantes seja das práticas do catolicismo popular que, um dia, o protestantismo ianque aqui instalado, quis exorcizar, seja da religiosidade afro-ameríndia que eles mesmos pretendem exorcizar. Qual seria a reação de um missionário presbiteriano do século XIX, originário do sul dos EUA, diante de uma sessão de descarrego do Pai das Luzes da Igreja Universal? Provavelmente a mesma da segunda comissão diocesana que analisou o caso da hóstia que virou sangue na boca da beata Maria Araújo, episódio que tornou célebre o pe. Cícero Romão Batista: condenaria como fanatismo e erro.

Assim, na tênue fronteira que separa ortodoxia da heresia, a piedade do devocionismo, o místico do misticismo, o profetismo do fanatismo, ora resvalando para um lado, ora resvalando para o outro, é que se desenrolam as práticas religiosas do povo. Representando um fenômeno sempre novo e instigante para os pesquisadores de todas as áreas das ciências humanas e um desafio para pastores e teólogos.

*\*Prof. MS. Pe. Edilberto Cavalcante Reis*  
Doutorando em História pela UFRJ, Prof. da UECE/Quixadá,  
da Faculdade Católica Rainha do Sertão/Quixadá e do ITEP/Fortaleza.

---

<sup>9</sup> Idem. p. 79.